

JUVENTUDES: NOTAS PARA REFLEXÕES

Marcos Villela Pereira, Miriam Pires Corrêa de Lacerda

Resumo

O presente artigo se propõe refletir a respeito do conceito de juventudes a partir do reconhecimento de que sua vivência está intimamente associada e identificada a componentes culturais que ultrapassam, em muito, os limites puramente biofisiológicos. Diferente do que algumas apreciações veiculadas pelas mídias pretendem nos fazer crer, os jovens não constituem uma classe ou grupo social homogêneo e, tais análises, que procuram unificar os sentidos e os deslocamentos da juventude empobrecem a riqueza de um fenômeno complexo. Refere o incansável esforço midiático em fazer aparecer aos olhos do grande público “uma” juventude homogênea em que todos se confundem com alguns deles e que vem sendo narrada, frequentemente, como [des] preocupada, [ir] responsável, [i] matura, [des] engajada, [in] quieta, [sem] limites, violenta, [des] respeitosa entre outros predicados pouco lisonjeiros. O texto destaca a importância de que o olhar que insiste em desconsiderar as diferentes juventudes que estão ao nosso redor seja desconstruído para que se possa contemplar a exuberância e a multiplicidade da vida.

Palavras Chave : Juventudes, mídia, cultura

Abstract

This article aims to reflect on the concept of youths from the recognition that their lives are closely associated and identified the cultural components that exceed, by far, the limits purely biophysiological. Unlike what some assessments voiced by the media want us to believe, young people are not a homogeneous social group or class, and such analysis, seeking to unify the senses and the displacement of youth deplete the wealth of a complex phenomenon. Refers to the tireless effort to display media in the eyes of the general public “a” homogeneous in that all youth are confused with some of them and has been told often, as [un] concerned, [go] responsible, [i] mature [un] engaged [in] still, [no] bounds, violent, [un] respectful of other predicates unflattering. The text highlights the

importance of the gaze that insists on ignoring the different youth groups that are around us is deconstructed so that one can admire the exuberance and diversity of life.

Keywords: Youth; Media; Culture

A juventude, historicamente, foi descrita como uma fase intermediária, de transição para a vida adulta. No presente, constata-se gradativa modificação nesse olhar que tomava principalmente o critério “idade” como categoria de julgamento para dizer quem é jovem.

Para Margulis e Urresti (1996), em que pese o fato de idade e sexo serem considerados como classificatórios para dizer quem está incluído na categoria juventude, hoje, tais marcadores mostraram-se crescentemente ambíguos, para dar conta da diversidade do fenômeno. Referem os mesmos autores que é preciso levar em consideração variáveis tais como a classe social, o gênero, o marco institucional, entre outras, que articuladas, desenharam as múltiplas formas de viver a juventude. Assim por exemplo, a chamada moratória social (a ser discutida mais adiante) será possivelmente concedida àqueles, cujas famílias podem oferecer uma base financeira mais segura, uma vez que, para jovens das classes populares esta variável terá um impacto completamente diferente.

Nas últimas décadas, os estudos que abordam o cotidiano da juventude, suas formas de relacionar-se com os que se encontram ao seu redor, os seus modos peculiares de ser e de estar no mundo vem tendo maior relevância. Autores como Melucci, (1997), Carrano (2000), Pais (2002), Pochmann (2004), Martin-Barbero (2008), Freire Filho (2008) entre outros, têm alertado para os riscos de uma análise da condição juvenil, na qual esse é o principal indicador. Esses estudiosos concebem que a vivência da juventude está intimamente associada e identificada a componentes culturais que ultrapassam, em muito, os limites puramente biofisiológicos.

Feixa (1999) refere que se operou uma transformação nas discussões que envolvem a juventude, o que resultou em um deslocamento de antigas problemáticas para novos enfoques, tendo a identidade, a vida cotidiana e os atores, ganho destaque. Essa idéia é também corroborada por Reguillo (2000), ao ressaltar a importância dos dados socioculturais nas análises que fazemos acerca das juventudes. A autora chama atenção de que há de se ter cuidado com descrições dos jovens que desconsideram o contínuo movimento da vida em sociedade e acabam apresentando julgamentos descontextualizados tanto do ponto de vista espacial

quanto temporal.

A análise da juventude contemporânea precisa ter simultaneamente presente, tanto os processos ligados à globalização da cultura, quanto os referentes à produção e à circulação de localidades. É interessante observar como processos globais se desdobram em acontecimentos locais. Para ilustrar, tomo o enfrentamento da polícia com os jovens, que aconteceu na Grécia, em 06 de dezembro de 2008 e que culminou com a morte de um jovem com 16 anos. Esse episódio desencadeou manifestações em diferentes cidades gregas, mediante uma convocatória que fez uso das novas tecnologias de informação e de comunicação. As escolas e as universidades passaram a ser palco de assembleias, nas quais, nas palavras de uma professora brasileira que vive atualmente naquele país, “o que se discutia era a condição de vida”.

É difícil isolar esse acontecimento de um contexto maior, onde a precariedade das condições de futuro oferecidas às juventudes mostram-se assustadoras. Sem dúvida, os acontecimentos como o acima citado expressam a indignação contra a violência policial, mas também mostram que os problemas que as juventudes vêm enfrentando, não têm encontrado muito eco nas instituições encarregadas de sua proteção. Além disso, é possível pensar que há semelhança com maio de 68, em Paris. Como naquela oportunidade, é aceitável que esses acontecimentos representem não a anarquia, mas uma mobilização transformadora que se pergunta sobre os direitos do cidadão.

Em nosso país, faz pouco mais de duas décadas que as juventudes passaram a ser objeto de preocupação intensa bem como de ações públicas, creditando-se essa mudança às transformações que aconteceram no âmbito da economia e da cultura. Entre elas, podemos mencionar o incremento das situações de violência, nas quais esses sujeitos estavam envolvidos. Como exemplares, o assassinato do índio Galdino na década de noventa por jovens de classe média alta em Brasília, o episódio do massacre aos jovens nas escadarias da Candelária, que teve repercussão mundial, ou as freqüentes rebeliões em instituições que albergam jovens em conflito com a lei. Tais episódios acabaram por sensibilizar a opinião pública para o tema da juventude, mostrando-nos o quanto as nossas políticas, no que tange a questão da juventude, precisavam ser revistas.

Ainda hoje, em que pesem as mudanças já ocorridas, muitas das ações que se voltam para a juventude, em especial para

jovens de baixa renda, continuam sendo questionadas quanto a sua real contribuição. Continuamos carecendo de um efetivo movimento em prol de um futuro melhor a essa parcela importante da população brasileira, visto que, em muitos dos nossos espaços institucionais, continuamos esquecendo de escutar aqueles para os quais se dirigem as nossas ações. Isso acontece na escola, no trabalho, nas políticas públicas ou, ainda, nas propostas de lazer.

Nesse contexto, a juventude é uma categoria que traz consigo as marcas de seu tempo, sendo, portanto, à semelhança da infância, uma construção social.

O enfoque, de natureza sociocultural, considera o fenômeno da juventude demarcando espaços e territórios nos quais, as formas peculiares de relacionar-se, vestir-se, falar em grupo, entre outras, encontram-se em constante modificação. Sob esse prisma, semelhante a outros segmentos da população, a juventude em seus agrupamentos ou tribos¹ diferencia-se, a partir de ideários, estéticas e consumos culturais que estariam em estreita relação com o nível socioeconômico, o grau de escolaridade, a raça, a etnia, o gênero, entre outros marcadores identitários.

Essa forma de pensar a juventude, que respeita os aspectos antes relacionados, contribui para evidenciar que não estamos nos referindo a algo linear que possa ser descrito ou discutido a partir de um conjunto idêntico de características. Diferente do que algumas apreciações veiculadas pelas mídias pretendem nos fazer crer, os jovens não constituem uma classe ou grupo social homogêneo e, tais análises, que procuram unificar os sentidos e os deslocamentos da juventude empobrecem a riqueza de um fenômeno complexo.

Observo o incansável esforço midiático em fazer aparecer aos olhos do grande público “uma” juventude homogênea em que todos se confundem com alguns deles. Dessa forma, ora a descrevemos como [des] preocupada, [ir] responsável, [i] madura, [des] engajada, [in] quieta, [sem] limites, violenta, [des] respeitosa entre outros predicados pouco lisonjeiros, ora a narramos como na pesquisa sobre “Quem é o jovem brasileiro do século XXI”²,

1 O conceito de Tribo ganha destaque acadêmico com Michel Maffessoli (1998) e é usado para referir os distintos agrupamentos que compõem a sociedade contemporânea. O “estar junto” seria uma das características da constituição da socialidade na qual “a partilha do sentimento é o verdadeiro cimento societal” (MAFFESSOLI, 1998, p. 64). Para esse estudioso, a *tribalização* da cidade seria um indicativo do declínio do individualismo na pós-modernidade.

2 A pesquisa foi realizada em 2008, pelo Instituto “Datafolha”, e seus achados foram publicados pelo Jornal “Folha de São Paulo” em 27 de julho.

dizendo que “o” jovem brasileiro quer emprego, que entre seus maiores sonhos está a realização profissional e, seus maiores valores são a família, a saúde, o trabalho e o estudo. Se a leitura do relatório desse estudo, em um primeiro momento, pode parecer “mais generosa” no que tange às suas constatações, ao aprofundarmos a nossa reflexão logo veremos que a estratégia pode até ter mudado, mas o que realmente se pretendeu foi definir, quais são as “reais características” desse espécime que, diante de nós, se apresenta. Lendo cuidadosa e atentamente o encarte “Mais” da Folha de São Paulo - publicado 27/07/08, à página 2 - fica evidente tentativa de fazer crer, de forma irrevogável, quem é o jovem, de, finalmente, trazer à luz “a verdade” sobre ele, pois “não há outro estudo com essa abrangência, cobertura e diversidade de temas”. (ib)

Assim a representação social das juventudes vem obedecendo ao que é tido como realidade em determinado tempo-espaco, e não existe, necessariamente, uma correspondência na forma como ela é vivenciada pelos jovens em sua multiplicidade. Talvez por essa via possamos entender o porquê Calligaris (2000) afirmava que a juventude, por se constituir certo ideal social, talvez nunca acabe e, em conformidade aos achados da pesquisa acima citada, o mesmo autor escreveu - o sonho da adolescência³ acabou” (Calligaris, 2008, p. 3).

Assistimos impassíveis, à mídia descrever “a” juventude como consumista ao extremo, sem que aconteça uma maior reflexão sobre o que isso pode significar, para além da exposição de um grupo de sujeitos, tidos como fúteis. Poucos são, no entanto, os que se dão conta de que existe um comércio sobrevivendo, graças e à custa da juventude, em sintonia muito estreita com um projeto econômico que sustenta a *lógica capitalística*⁴.

A sociedade, ao mesmo tempo em que se esforçou para ungar as juventudes à condição de cidadão de direito, permitiu a sua transformação em “bezerro de ouro”, alvo importante da indústria do consumo, a qual, desde muito cedo, investe também, em suas crianças, pois as concebe “nascidas para comprar”⁵. Nesse contexto, inscritos que estamos em um regime de verdade, nossas

3 A palavra adolescência no contexto foi utilizada como sinônimo de juventude.

4 *Lógica Capitalística*: estabelece novas coordenadas nas relações ao criar uma expansão ilimitada do capital que interfere nos modos de existência. A partir dessa lógica, segundo Guattari (1992), o consumo e a ascensão social são pré-requisitos de humanidade.

5 Essa expressão é utilizada por Juliet Schor (2004).

constatações acerca da juventude estão, lamentavelmente, atreladas a um jeito de pensá-la, e nossas perguntas, por mais que nos esforcemos, traduzem a busca de reafirmação de nossas crenças. Pois com refere Sarlo “a cultura nos sonha como uma colcha de retalhos, uma colagem de peças, um conjunto nunca terminado de todo, no qual se pode reconhecer o ano em que cada componente foi forjado, sua procedência, o original que procura imitar” (Sarlo, 1997, p.25).

Esse olhar, que insiste em desconsiderar os jovens como sujeitos históricos, e nega, desde o início, que se fabricam instrumentos destinados a fazer aparecer objetos, precisa ser desconstruído por todo o pesquisador que se permite falar das juventudes.

Para tanto, é interessante fazer uma breve retrospectiva sobre a forma como o conceito de juventude se constituiu no decorrer do século XX. Ao fazê-lo, penso trazer elementos que permitam compreender e interpretar os diferentes e, por vezes, contraditórios olhares, com os quais tanto a academia quanto a mídia vêm descrevendo as juventudes hoje.

Adolescência e juventude são conceituações instáveis e complexas que remetem a formações discursivas distintas. A utilização do termo adolescência acontece, na grande maioria das vezes, em situações que voltam o olhar para a análise e o estudo do sujeito em contextos, nos quais a ênfase recai em aspectos muito associados à Psicologia.

Historicamente, é preciso reconhecer a importância do livro “*Adolescence: its psychology and its relation to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*”, publicado em 1907, de autoria de Stanley Hall, no qual, com forte viés psicologizante, a conceituação de adolescência (nesse caso empregada como um sinônimo de juventude) como etapa natural, é reafirmada. Vale destacar que essa posição de universalidade a-histórica e geograficamente descontextualizada foi, posteriormente, contestada pela antropóloga Margareth Mead⁶, em seus reconhecidos estudos em Samoa.

Ainda, de acordo com Stanley Hall, que adota uma postura desenvolvimentista, a adolescência seria o período compreendido

6 Margareth Mead em um clássico intitulado “Adolescência y cultura em Samoa” (1939) analisa as relações entre a cultura e o desenvolvimento dos adolescentes. Conclui, já naquela oportunidade, que os aspectos psicológicos associados à puberdade não se configuram como naturais ou universais mas estão diretamente relacionados com cultura da sociedade no qual acontecem.

entre a infância e a maturidade, por meio do qual, mediante aquisições dia a dia mais complexas e sob a crescente interferência da razão, os sujeitos se apropriariam do mundo de forma cada vez mais elaborada. Em meio a isso, seriam construídas as condições para que cada um assumisse a responsabilidade por si mesmo em diferentes âmbitos. Na perspectiva desse autor a adolescência seria caracterizada por alguns padrões estandardizados e funcionaria como a antessala da adultez.

Quero fazer duas observações. Em primeiro lugar, acredito que, decorrente dessa herança psicológica, ainda hoje, é possível encontrar conceituações, nas quais a juventude é uma espécie de lugar de passagem homogêneo e obrigatório para todos, desconsiderando-se o papel das práticas culturais em seu engendramento. Em segundo lugar, destaco que, muito embora na atualidade possamos encontrar juventude e adolescência, utilizadas como sinônimas em diferentes estudos e, também no cotidiano, esse não é o caso para este texto posto que

la juventud engloba la adolescencia ,pero la adolescencia no engloba a la juventud .En consecuencia ,la existencia de políticas de adolescencia ,contribuye al desarrollo de la juventud ,pero no alcanza períodos cruciales de la vida del sujeto juvenil. (Krauskopf, 2008, p. 8)

Juventude tem sido preferencialmente, utilizado em estudos com aportes na Sociologia, na Educação, na Antropologia e na Comunicação entre outras Ciências Sociais Aplicadas. De acordo com Reguillo (2000, p.23) e, em livre tradução, a juventude pode ser considerada uma invenção do pós-guerra, no sentido “do surgimento de uma nova ordem internacional que configurava uma geografia política, na qual os vencedores acediam a inéditos padrões de vida e impunham seus estilos e valores”.

Portanto, a história da juventude traz as marcas dos modos como ela vem sendo pensada e construída socialmente. Mais do que em qualquer tempo, a diversidade das experiências e de oportunidades, as redes de relacionamento, as práticas sociais dos contextos nos quais vivem os jovens entre tantas outras variáveis, criariam as condições de possibilidade, nas quais se tecem as distintas juventudes que transitam no cenário contemporâneo.

Encontro em Reguillo (2000, p.49):

Para situar al sujeto juvenil en un contexto histórico y sociopolítico, resultan insuficientes las concreciones empíricas, si éstas se piensan independientemente de los criterios de clasificación y principios de diferenciación social que las distintas sociedades establecen para sus distintos miembros [...].

Se na década de setenta, a juventude foi descrita como “uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema” (FORACCCHI, 1972, p. 160), e como tal, associada ao conflito e ao enfrentamento, hoje, os nossos discursos, freqüentemente, descrevem “a” juventude como excessivamente individualista. Em ambos os casos, tanto na juventude “guerreira” da década de setenta, quanto na juventude “narcisista” dos anos 2000, para mim, existe uma estreita correlação com as características das sociedades, nas quais esses jovens se inscrevem.

Assim, na década de vinte, a ausência de uma aproximação mais “científica”, com metodologia própria para estudo de temas considerados marginais, entre os quais a delinquência e a prostituição, foi determinante para o surgimento da Escola de Chicago, que centrou seus estudos nos jovens de rua, os quais deram origem a grupos contestatórios e dissidentes. A Escola de Chicago exerceu uma importante influência nos estudos sociológicos sobre a juventude, especialmente, através de Robert E. Park – um dos seus primeiros autores. Para ele, a cidade era espaço privilegiado para a difusão de condutas que, mediante o mecanismo de contágio social, facilitariam a ruptura de valores e laços tradicionais, dada à liberdade/solidão que os jovens experimentavam nos grandes centros urbanos. Em contraste, as pequenas comunidades rurais estariam mais protegidas, posto que, pelo seu raio de ação, tinham mais condições de reprimir aqueles comportamentos considerados desviantes.

Tal perspectiva, que desempenhou importante papel na forma como se olhava para a juventude na época, tomava essa fase da vida como aquela na qual “os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, por meio da aquisição de elementos apropriados da ‘cultura’ e da assunção de papéis adultos” (Abramo, 1997, p 27). Observemos, já naquela oportunidade, o poder de ameaça imputado aos jovens: eles seriam potencialmente capazes de pôr em risco a continuidade social,

mediante o questionamento e a oposição a valores que lhes eram transmitidos.

Mais tarde, Foote Whyte (1943) analisou, em “A sociedade das esquinas”, o sentimento de solidariedade presente nesses grupos juvenis o que, para ele concorreria para o surgimento de pactos de lealdade entre esses sujeitos, em razão de fortes laços afetivos construídos desde a infância. Tais sentimentos os fariam considerar o grupo como a sua família e, a rua, como suas casas. Paralelamente, ao chamar atenção para a natureza desses mesmos vínculos, o autor colocou em pauta a forma reduzida como os jovens vinham sendo vistos por parte daqueles que os descreviam como marginais.

Pensando na atualidade, é relevante ao problema proposto na tese que deu origem a esse artigo, o destaque às formas como a mídia vem fornecendo elementos que concorrem para a construção social da juventude. Assim, imagino estar diante de um refinamento dos temores da Escola de Chicago, pois a insistente descrição da juventude, em especial dos jovens pobres, como inconsequentes, propensos ao desvio e ao delito, perigosos para a sociedade, não apenas ratifica que tais atributos fazem parte “da natureza desses sujeitos”, mas evidencia que dispositivos eivados de preconceitos fossem/sejam criados e acionados, não apenas para punir, mas para controlar um possível desvio que pudesse/possa vir a acontecer. Em outras palavras, o poder era/é demandado a operar também sobre virtualidades e, como tal, permitiria/permite uma indeterminação.

O *dispositivo da periculosidade*⁷ é um dos efeitos gerados pela associação linear entre pobreza, infração, desrespeito, violência, crime e juventude, que, com frequência, inunda os jornais, as revistas e transita, até mesmo, em alguns estudos acadêmicos, atualmente. Baseado, fundamentalmente, em teorias higienistas que proliferaram durante o início do século XX e que, entre outras coisas, apregoaram a supremacia da raça branca e os perigos decorrentes da miscigenação, criou-se, pouco a pouco, uma forma de descrever a pobreza como potencialmente perigosa. Tal olhar que, há bastante tempo, busca enquadrar o comportamento juvenil explicando suas “qualidades e defeitos” à luz das ciências, encontrou amparo em formas hegemônicas do conhecimento, especialmente,

7 Encontramos em Foucault (2003, p. 85): “A noção periculosidade significa que o indivíduo deve ser considerado pela sociedade ao nível de suas virtualidades; não ao nível das infrações efetivas a uma lei efetiva, mas das virtualidades de comportamento que eles representam”.

aqueles oriundas da medicina que prescrevia a família ideal burguesa como o espaço para que acontecesse o “desenvolvimento sadio”.

Avançando através do tempo com tal refinamento que, por vezes, chegamos a pensar que desapareceu, essa concepção, na atualidade, sob meu ponto de vista, travestiu-se do par antitético família funcional/família disfuncional. Tais conceitos, muito caros à Terapia de Família acabaram por ser muito frequente e levemente utilizados pela/na escola para descrever as famílias dos alunos que apresentam, no entender dos docentes, dos orientadores educacionais e dos psicólogos escolares, “dificuldades”. Por meio de indicadores que apontam para o imaginário social no qual existe um ideal, esse modo de caracterizar as famílias desconsidera suas novas configurações. Entre elas, a força da *família tentacular*⁸, que emerge absolutamente distinta do padrão patriarcal outrora vigente.

Como acabamos de ver, a análise da juventude como um problema não é recente. Acontece sempre que ela se torna uma ameaça para a ordem social vigente, ou porque se afasta do caminho pensado para que aconteça a sua integração na sociedade, ou ainda, enquanto categoria, que problematiza ou ameaça romper com a transmissão da herança cultural.

Embora, a partir do final da década de sessenta, com os jovens franceses provocando outras reflexões acerca da juventude - considerada a partir daí como propulsora de transformações sociais - ainda levou um bom tempo para que a perspectiva desenvolvimentista, com um forte viés psicologizante, cedesse lugar a novas formas de pensá-los. Como exemplo do quanto nossa leitura ficou presa em um discurso psicológico, que coloca os jovens sempre em um território de passagem, hoje questionado quanto a sua aplicabilidade as juventudes das classes populares por outros estudiosos⁹, tomemos um importante pesquisador que aportou no Brasil, vindo dos Estados Unidos.

- 8 Familiar tentacular - expressão cunhada por Maria Rita Kehl (2003) para referir-se às novas configurações familiares. Para a autora a família “deixou de ser uma sólida instituição para se transformar num agrupamento circunstancial e precário, regido pela lei menos confiável entre os humanos: a lei dos afetos e dos impulsos sexuais” (KEHL, 2003, p.2).
- 9 Para Margulis e Urresti, (1996, p.20) “por sobre esta moratória, haverá de aparecer diferenças sociais e culturais no modo de ser jovem, dependendo de cada classe e também das lutas pelo monopólio de sua definição legítima, que implica a estética que se supõe esta haverá de se revestir, os signos exteriores com que se fará representar”.

Na década de setenta, com *Identidade, Juventude e Crise*, Erik Erickson (1972)¹⁰ reforçou a forma desenvolvimentista de descrevê-los. Seu livro e sua visão de um jovem universal marcaram a cena intelectual brasileira e tiveram forte influência na forma como “a” juventude passou a ser vista e descrita entre nós, especialmente na academia e nas escolas.

Partindo da famosa descrição das “oito idades do homem”, ele sustentou que se vive na juventude uma “moratória psicossocial”. O corolário foi a “concessão” de um tempo de experimentação para vivenciar e ensaiar vários papéis sociais antes de assumir um compromisso em uma determinada direção.

Esse olhar em que pese ter sido um pouco mais abrangente, na medida em que buscou articular aspectos psicológicos, biológicos e sociais ao meu julgamento, também contribuiu para a forma de concebermos a juventude e os jovens. Sua “moratória” veio naturalizar a idéia de um presente muito marcado pela postergação. O tempo presente, tido como um período de experimentação, descompromisso (deles e nosso para com eles, às vezes) e onde, a partir do mote “preparação para a vida” que se desdobrou, inclusive no texto legal (LDBEN 5692/71), em “preparação para o trabalho” ou “preparação para o exercício consciente da cidadania”, descaracterizou-se o presente como tempo vivido, transformando-o em mero tempo de passagem.

Con excepciones, el Estado, la familia y la escuela siguen pensando a la juventud (grifo meu) como una categoría de tránsito entre un estado y otro, como una etapa de preparación para lo que sí vale la juventud como futuro. Mientras que, para los jóvenes, su ser y su hacer en el mundo está anclado en el presente, lo que ha sido finamente captado por el mercado (Reguillo, 2007, p.52).

10 Erik Erickson, em seu livro “*Infância e Sociedade*”, publicado em 1972 apresentou uma teoria de desenvolvimento psicossocial através de estágios aos quais denominou “As oito idades do homem”. Em cada uma delas o sujeito se defronta com tarefas evolutivas a serem cumpridas. Na dependência da resolução de cada uma delas sairia para próxima etapa mais ou menos fortalecida. São elas 1) confiança *versus* desconfiança básica; 2) autonomia *versus* vergonha e dúvida; 3) iniciativa *versus* culpa; 4) competência ou produtividade *versus* sentimento de inferioridade; 5) consolidação da identidade *versus* confusão de papéis; 6) relacionamentos de intimidade *versus* isolamento; 7) geratividade *versus* estagnação e 8) integridade ou aceitação do ciclo vital *versus* desesperança.

O jovem viu-se roubado, pois seu presente passou a ser, apenas, uma preparação! Uma preparação descrita, esquadrinhada, esperada que remetesse, necessariamente, a uma determinada forma de viver a juventude. Nesse sentido, para que possamos inaugurar outras formas de pensar e conceber as juventudes “[...] é preciso desviar os olhos dos objetos naturais a fim de perceber certa prática, muito bem datada, que os objetivou sob um aspecto datado como ela; [...]” (Veyne, 1982, p. 154).

Pensemos um pouco: se existe uma forma correta de viver existe uma subjetividade a produzir e, toda vez que acontece de escapar do padrão desejado, então, é preciso mobilizar esforços para correção do desvio. Às vezes, no entanto, encontra-se uma não esperada resistência. Nesse caso, é preciso pôr em marcha outra operação, por meio da qual objetiva-se mostrar a todos quão perigoso pode tornar-se um modo coletivo de viver que se esquivava às malhas do circuito de subjetivação.

As juventudes que demarcam suas presenças por meio de distintas maneiras de comportar-se, falar, vestir e pensar passaram a ser, nos últimos anos, foco para o qual se voltam muitos estudos. No entanto, segundo Carrano (2000), a maioria da produção intelectual ainda centra-se na discussão das instituições e dos sistemas presentes na vida dos jovens, distanciando-se de uma análise mais criteriosa sobre as formas como os jovens vivem e elaboram as suas experiências. Essa é uma questão compartilhada por outros estudiosos, como Sposito (2000, 2003), Peralva (1997), Abramovay (1999), Castro (2006). Todos têm em comum a preocupação em expandir os estudos sobre a juventude para outras temáticas.

Juventude é um destes termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas, e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas. Afinal, todos nós somos ou fomos jovens (há mais ou menos tempo), convivemos com jovens em relações mais ou menos próximas, e nas últimas décadas, eles têm sido tema de alta exposição nos diferentes grupos da mídia que atravessam o nosso cotidiano (Abramo, 2005, p. 37).

A transformação terminológica que nos autoriza a falar em juventudes e em culturas da juventude traz, como correlato,

uma mudança nas formas de pensar e de olhar a juventude, hoje. A territorialização, bem como os processos históricos, favoreceram a retomada do conceito genérico de juventude e concederam lugar a uma forma de ser jovem em uma região, em uma cidade, em um bairro ou em uma comunidade concreta, em um tempo também determinado. Como decorrência, é possível dizer que existem culturas juvenis¹¹ com suas múltiplas manifestações, atravessadas por condições espaciais e temporais concretas.

A cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais que formavam, cada vez mais, a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos. Duas de suas características são, portanto, relevantes. Foi ao mesmo tempo informal e antinômica, sobretudo em questão de conduta pessoal. Todo mundo tinha que estar na sua, com o mínimo de restrição externa, embora, na prática, a pressão dos pares e a moda impusessem tanta uniformidade, quanto antes, pelo menos dentro do grupo de pares e subcultura (Hobsbawm, 1995, p. 323).

É importante mencionar que, no Brasil, se de um lado a categoria juventude e suas derivadas subculturas comportam, de alguma forma, as inquietudes e os conflitos de um tempo de vida com o qual, muitos adultos, encontram-se identificados, de outro, deparam-se com manifestações da sociedade e, em especial, dos meios de comunicação, que parecem não enxergar as juventudes com bons olhos, caracterizando-as como fase negativa e perigosa, que necessita, por vezes, da massiva intervenção do poder público.

Em 2005, o IBGE alertava que o número de jovens com idades entre 15 e 29 anos, no Brasil, já ultrapassara a casa dos quarenta e cinco milhões. Cotejando esses dados com os índices publicados no recente estudo “Livro das Juventudes Sul-americanas”¹²

11 De forma ampla, a expressão “culturas juvenis” se refere à forma como as experiências sociais dos jovens se expressam coletivamente mediante especificidades nas formas e estilos de vida. Em um sentido estrito, vão referir-se ao coincidente surgimento no após guerra, de micro sociedades juvenis no momento em que acontecem em diferentes países ocidentais, importantes transformações que em verdade, anunciam o fracasso do consenso.

12 Trata-se de uma publicação do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) veiculado a partir de maio de 2010.

constata-se um aumento expressivo, pois hoje, a população jovem representa 26.1% do total populacional do país, o que equivale a cerca de 48.000.000 de jovens. A força traduzida pelo aumento significativo que, certamente, impacta a sociedade brasileira justifica um olhar atento às questões que afetam e mobilizam esse segmento populacional.

A complexidade da organização social contemporânea confronta os jovens com o desafio de afirmar-se em um mundo no qual “as esferas da produção transformaram-se em produção de signos” (Carrano, 2000, p. 22). Acenando com infinitas possibilidades para o consumo e o desenvolvimento, a contemporaneidade, de um lado, sugere o aumento da capacidade de ação social do jovem; de outro, estabelece um grande controle e regulação da produção de significados que incidem, precisamente, sobre quem têm menor prestígio social e econômico. É preciso, pois, reconhecer a emergência de um modelo cultural que atinge a todas as gerações e leva, incessantemente, buscar o rejuvenescimento estético, sob pena de ser “condenadas ao exílio simbólico da obsolescência corporal programada” (CARRANO, 2000, p. 22).

Escutar os jovens, nos diferentes espaços em que atuo profissionalmente, permite-me questionar se ter liberdade para se divertir, com o conseqüente adiamento ou minimização das responsabilidades familiares, é, para uma importante parcela desse grupo, o elemento central da condição juvenil. Por outro lado, é preciso não esquecer que em nossa sociedade a juventude constitui certo ideal social. A idéia de liberdade fica, em nossa cultura, cada vez mais associada a valores que creditamos à juventude.

Uma das reportagens publicadas em importante revista de circulação semanal durante o período em que realizei minha pesquisa aponta que também os adultos encontram-se às voltas com a necessidade de um corpo bem cuidado, desejanτες de liberdade para -ficar- com parceiros diferentes - instituindo-se a lógica do não vinculo entusiasmados que estão frente à possibilidade de sucessivos recomeços, tanto afetivos quanto profissionais. Esses últimos muito determinados pelas condições do mercado de trabalho, mas que remetem, queiramos ou não, à afirmação do ser humano sempre jovem. À luz dessas considerações, não é difícil compreender porque Maria Rita Kehl (2004) nos diz que hoje somos jovens dos 14 aos 40 anos. Ora, nessa ótica, não foi apenas o olhar sobre a juventude que se transformou ao longo do século XX, pois, nessa perspectiva, a adultez é caudatária das transformações daquele segmento social.

A juventude, como ideal da cultura, parece estar sendo mostrada como algo que, se termina, pode em seguida recomeçar, seja no plano amoroso, profissional ou nos valores que conferem sentido à vida. A juventude para a psicanalista é um -estado de espírito, é um jeito do corpo, é um sinal de saúde e de disposição, é um perfil de consumidor, uma faixa de mercado, onde todos querem se incluir- (Kehl, 2004, p. 89).

Qual é o preço a pagar por isso? Quando a juventude é alçada à ideal da cultura, os adultos tornam-se desconfortáveis em seu lugar. Muitas mães e pais cultuam a idéia de acompanhar os filhos em programas típicos da juventude, compartilham intimidades a respeito de sua sexualidade e, com mais freqüência do que seria de se esperar, colocam-se ao lado das transgressões, quando o assunto é conflito, sejam ele com professores ou adultos em geral. Tamanha liberdade e intimidade teria um preço a ser pago em desamparo. Ainda para Kehl (2004, p. 96), os jovens “parecem viver em um mundo onde as regras são feitas por eles e para eles, já que os pais estão comprometidos com uma leveza e uma *nonchalance* jovem”.

Nessa perspectiva, a fantasia de um mundo regido pelo gozo é a um só tempo, fascinante e perigoso. Sem limites estamos muito próximos dos horrores da pulsão de morte. Do ponto de vista do laço social, prossegue a psicanalista, “o imperativo do gozo projeta no horizonte a imagem de uma luta de todos contra todos, uma sociedade de cada um por si sem Lei e sem juiz, que amedronta [...]” (Kehl, 2004, p.99). Assim, por diferentes caminhos estamos, outra vez, confrontados com a vulnerabilidade humana!

A chegada do novo milênio não trouxe, para a maioria dos cidadãos, muitas esperanças. Fazendo um balanço do nosso tempo, entre tantas constatações, é possível perceber que, embora tenham aumentado as vozes em prol de uma sociedade mais inclusiva e democrática, aprofunda-se mais e mais o imenso distanciamento entre nações e entre os que habitam uma mesma pátria.

Por todos os lados, escuta-se acerca do declínio de instituições que, tradicionalmente, funcionaram como ordenadoras da sociedade como a família e a escola e não faltam soluções milagrosas que, em passe de mágica, resolveriam nossos problemas. Assistimos ao entra e sai de modismos que tentam dar conta de nossas mazelas, seja através da literatura de autoajuda, do poder do pensamento positivo, das terapias alternativas, da biodança, dos florais, entre tantos outros recursos. Do ponto de vista político e

econômico, vemos ampliada a participação do Brasil no cenário mundial, o fortalecimento da democracia, mas também sabemos que uma crise de proporções globais que se avizinha.

Em termos educacionais, os governos estadual e federal destacam e fazem uso de modalidades avaliativas periódicas, com o intuito de “qualificar o ensino” aqui praticado. Ampliam-se as possibilidades de acesso à Escola Básica (em que pese as medidas de permanência não serem tão eficazes!), discute-se e alarga-se o uso de tecnologias de informação e de comunicação.

É época de ENEM, ENADE, IDEB, ... mas, paradoxalmente, neste mesmo tempo, testemunhamos o avanço da educação-mercadoria, da implantação pouco criteriosa da EAD, que promete “faça uma graduação em dois anos e ganhe uma especialização”.

É o tempo em que se ouve de professor universitário “que os jovens brasileiros devem efetivamente permanecer na universidade até concluírem o Mestrado para, só então, melhor preparados, buscarem um trabalho” (*sic*). Nesse contexto, reafirma-se uma crença nascida no pós-guerra, por meio da qual, “sob um bom pretexto”, opera-se importante controle social e coloca-se em marcha um dispositivo de autorregulação, vinculado, por exemplo, às já poucas oportunidades de trabalho disponíveis, desconhecendo que a maioria dos jovens brasileiros ainda não tem acesso a um curso superior, uma vez que apenas 12,7% deles, com idade até 24 anos, estão matriculados no terceiro grau, segundo os dados do IPEA/ 2008.

Nesse período, marcado por complexidades, desafios e controvérsias que exigem acurado olhar e grande responsabilidade, no tocante à tomada de decisões, transitam milhões de jovens com idades entre quinze e vinte e nove anos, pelo território brasileiro. Assim, se os jovens irromperam de forma intensa na cena pública a partir da metade do século vinte, fizeram-no sob diferentes rubricas: foi o rebelde sem causa dos filmes hollywoodianos, que conjugava romantismo e rebeldia.

A nova “autonomia” da juventude como uma camada social separada foi simbolizada por um fenômeno que, nessa escala, provavelmente não teve paralelo desde a era romântica do século XIX: o herói cuja vida e juventude acabavam juntas. A figura antecipada na década de 1950 pelo astro de cinema James Dean foi comum, talvez mesmo um ideal típico no que se tornou

a expressão cultural da juventude [...] O que tornava simbólicas essas mortes era que, a juventude por eles representada era transitória por definição (Hobsbawm, 1995, p.318).

Na década de sessenta, os movimentos de contestação juvenil, como a revolta estudantil na França, em Maio de 1968, ajudaram a dar visibilidade aos problemas sociais não resolvidos. O final da década, com o “Festival de Woodstock”, em 1969, representou um marco no movimento de contracultura. Nesse novo cenário, o “rebelde sem causa” cedeu lugar para o jovem “subversivo” e “guerrilheiro”. E, como na década anterior, não faltaram aqueles que se esforçaram em espalhar entre as famílias o pânico moral, uma vez que os jovens, mediante esse discurso, transformavam-se em meros fantoches em mãos daquele interessado em corromper a ordem e os bons costumes.

No cenário brasileiro, o envolvimento com as utopias político-sociais foi marcante na vida de muitos jovens, durante esse período. Os anos sessenta e setenta destacaram jovens como Elis Regina, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, entre outros que fizeram da música uma arma de luta. Além disso, mostraram uma geração, que conviveu com a tortura, com o AI 5, com a morte política de muitos, com a DOPS, que viveu o auge da ditadura militar e, para construir um novo futuro, precisou reagir. Nesse período, aconteceu no Brasil intensa participação política dos jovens.

Nos anos oitenta, a juventude viveu as “Diretas-já”. Jovens, hoje, lembrados nostalgicamente por muitos adultos, através dos “caras pintadas” que invadiram as praças, cuja participação política ajudou a derrubar um Presidente da República. Os primórdios dos anos noventa ainda viveram sob impacto de grandes transformações, e os jovens refletiram em espelho os movimentos da sociedade que os acolheu.

Presos no passado, muitos esquecem que naqueles períodos já se testemunhava a existência de muitas juventudes e, entre elas, existiam adesões diferenciadas às grandes causas, gerando distintos territórios de resistência e criatividade. É sabido que não foram todos os jovens que vibraram com os festivais de MPB, pois muitos preferiram a “Jovem Guarda”; nem todos os jovens tiveram participação política no período da ditadura militar; não foram todos os jovens que participaram da luta contra a era Collor e, tampouco, foram todos os que se engajaram nos movimentos sociais do início

da década de noventa. No entanto, por vezes, parece que isso fica esquecido.

Jameson (2001) destaca que essa “nostalgia do passado” presta-se para apontar uma falha no presente. Esse retorno idealizado e deformado, há um tempo que ficou para trás, revela-se característico em nossos discursos, quando a referência é a juventude.

Nesse sentido, o tributo a ser pago por um queixar-se contínuo obscurece o olhar adulto diante de sujeitos que, à sua maneira, tentam mudar a face do século XXI, envolvidos, por exemplo, com a causa ecológica, com a luta pela paz e a diminuição da violência, pois sabem que só haverá futuro se houver mudanças.

Com um jeito, talvez mais generoso, de relacionar-se com as diferenças, respeitando as novas demandas do grupo, o jovem do ano 2010 reconhece não ser portador de nenhuma verdade absoluta. E em sua quase maioria, nas relações que vai estabelecendo, pauta-se por estéticas e éticas que não lhe autorizam o exercício de um poder excludente em que pese o mundo adulto insistir em alcunhá-lo de individualista, consumista, narcisista, ou irresponsável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W; BRANCO, Paulo Martoni (org). 2005. **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma Pesquisa Nacional**. Rio de Janeiro: Editora Perseu Abramo. 447p

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* 1999. **Gangues, galeras, chegados, e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond.198p

ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary Garcia de. 2006. **Juventude, Juventudes: o que une o que separa**. Brasília: UNESCO. 370p

BRASIL Lei no. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixam Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *Lex: Coletânea de Legislação: Legislação Federal e Marginalia*. São Paulo, v. 35, p. 1114-25, jul./ago./set. 1971. Publicado no Diário Oficial em 12 de agosto de 1971.

CALLIGARIS, Contardo. 2000. **Adolescência**. São Paulo: Publifolha. 81p

CALLIGARIS, Contardo. 2008. **Os sonhos dos adolescentes**. Folha de São Paulo, 11 Janeiro. P.55

CARRANO, Paulo César Rodrigues. 2008. Juventude, educação e sociedade. Juventudes: As identidades são múltiplas. *In: Revista Movimento*, Faculdade de Educação da UFF. Niterói: DP&A.102p

DAYRELL, Juarez. 2007. A escola “faz” as juventudes? *In: VIEIRA, Maria Manuel (org). Escola, Jovens e Media*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007. 202p

ERIKSON, Erik H.1972. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 404p

FEIXA, Carlos. 1999. **De jóvenes, bandas e tribus**. Antropologia de la Juventud. Barcelona: Ariel.

FORACCHI, Marialice M. 1972. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Edusp. 168p.

FOUCAULT, Michel. 2003. **As verdades e as formas jurídicas**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nau Editora. 158p

FREIRE-FILHO, João; VAZ, Paulo (Org). 2008. **Construções do Tempo e do Outro**: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade. Rio de Janeiro: Mauad X. P.37-63.

GUATTARI, Félix. 1992. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro, Editora 34. 203p

HALL, Stanley **Adolescence: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion a education**. 1907. Documento eletrônico disponível em <http://www.archive.org/details/adolescenceitsps02halluoft>. Acesso em 28/12/2008

HOBSBAM, Eric J. 1995. **A Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras. 335p

JAMESON, F. 2001. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Petrópolis: Vozes. 207p

JORNAL **Folha de São Paulo**. 2008. Caderno Mais! 27 de julho.

KEHL, Maria Rita. 2004. A juventude como sintoma da Cultura. In: NOVAES, Regina; VANUCCI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p.89 -114.

_____. **Em defesa da família tentacular**. In GROENINGA, G. C. e PEREIRA, R. C., Direito de família e Psicanálise, Rio de Janeiro, Imago, 2003. 400p

KRAUSKOPF, Dina La construccion de politicas de juventud en America Latina.2010. *bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/.../juventud/krauskopf.doc acesso em 12 de setembro*.

LACERDA, Miriam Pires Corrêa de. 2009. **Políticas de “Diabolização” das Juventudes: Educação, Mídia e Subjetividade**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. 281p.

MAFFESOLI, Michel. 2006. **O_Tempo_das_tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 297 p

MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. 1996. Juventud es más que una palabra: ensaios sobre cultura e juventud, Buenos Aires, Biblos. P. 13-30

MARTIN-BARBERO, Jesús. 2008. A Mudança na percepção da Juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia; FREIRE Fº, João (Org). **Culturas Jovens no século XXI**. São Paulo: EDUC. p.195-210

MEAD, M. 1939. **Adolescencia, sexo y cultura en Samoa**. Barcelona: Laia, 1972. 1ª Edição Original .280p

MELUCCI, Alberto.1997. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6. São Paulo: ANPED. 281p

PAIS, J. M. 2002. **Sociologia da vida cotidiana: Teorias, Métodos e Estudos de Caso**. Lisboa/Portugal: Imprensa de Ciências Sociais. 284p

PERALVA. A. 1997. Escola e violência nas periferias urbanas francesas. In: **Contemporaneidade e Educação: Revista Semestral Temática de Ciências Sociais e Educação**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 2. P. 7-25

_____. O jovem como modelo. 1998. *In: Juventude Contemporaneidade*. São Paulo RBE – ANPED – n. 5 e 6. 281p.

POCHMANN, Márcio. 2004. **Atlas da exclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora. 221p

REGUILLO, Rossana. 2000. **Culturas Juveniles: Estratégias del desencanto**. Barcelona: Norma.182 p.

_____. Las culturas juveniles: un campo de estudio - breve agenda para la discusión. 2007 *In: Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED. (Coleção Educação para Todos; 16). 281p.

SARLO, Beatriz. 1997. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Rio de Janeiro: UFRJ. 167p

_____. Ya nada será igual. 2001. **Puento de Vista**, n. 70, año XXIV. Buenos Aires: agosto.

SCHOR, Juliet. 2004. **Born to Buy: the Commercialized Child and the New Consumer Culture**. **New York: Scribner Books. 220p**

SPOSITO, M. P. 2000. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. *In: Revista Brasileira de Educação*. Nº 13, Belo Horizonte, jan./mar. p.73-94

VEYNE, Paul.1982. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB. 285p.

WHYTE, William Foote. 1993. **Street corner society: the social structure of an italian slum**. 4th. Ed. Chicago: The University of Chicago Press. 398 p.